

O Gaiato



Quinzenário * 31 de Agosto de 1985 * Ano XLII — N.º 1082 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da Quinzena

● Não resisto... Outra vez as romarias! É o tempo delas: à beira das cidades, nas vilas, nos montes. As capelinhas e santuários brilham ao longe. Dão paisagem e alegram o espírito. Templos cristãos. Dentro, imagens do Senhor, de Nossa Senhora e dos Santos. Festas em honra. É aqui.

Moisés subiu ao monte. O Povo, fiel a Javé, ficou na expectativa. Porém, logo O esqueceu. Fez um ídolo de ouro, adorou-o e perdeu-se em folguedos e danças.

Festas em honra?! O Povo cristão anda de volta das capelas, mas vassalo dos seus ídolos — longe do sentido do amor e da fraternidade.

Das freguesias onde reben-tam centenas de contos de foguetes, chegam à nossa porta membros dessas mesmas comunidades de cristãos a pedir ajuda. Alguns, pedem telhas para o telhado; outros, pão e remédios.

O bezerro de ouro que nós adoramos!

● Não nos parece difícil «cada freguesia cuidar dos seus Pobres». Nas primeiras comunidades cristãs assim acontecia. A seguir à Ceia-Eucarística era o serviço dos mais precisados de ajuda. Vejamos: (Act. 2,44-46) «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.»

Nalgumas comunidades de hoje, conscientes e vivas, assim é. Há um fundo. Há membros designados. Tão fácil quando o

Evangelho está nos corações! Possível se nós, os cristãos, vivermos, verdadeiramente, em Igreja:



Não nos parece difícil «cada freguesia cuidar dos seus Pobres». Nas primeiras comunidades cristãs assim acontecia. A seguir à Ceia-Eucarística era o serviço dos mais precisados de ajuda...

Em Amor.
Em comunhão de corações e de bens.

Em serviço.
Em pobreza — contentando-nos com o necessário.

● — Vai, não te conheço.
Andei nu, não Me vestiste.
Tive fome, não Me deste de comer.

— Nunca Te vi, Senhor!
— Era Eu ~~eu~~ despido, no esfomeado e no preso.

Quem tem ouvidos...
O nosso tempo está próximo.
É este. Não fechemos o nosso coração à palavra clara e inequívoca do Senhor.

Padre Telmo

Hoje foi um dia de muitas novidades para os nossos mais pequenitos. Eles estiveram sete semanas na praia e regressaram cheios de saudades deste mundo que é o seu.

O dia foi um vai-vem contínuo: Ver as vacas a dar leite. Os cães a saltar por eles acima. As galinhas a cantar depois do ovo posto. A moagem no seu ruído a moer a ração do gado. O «Angolano» a fazer o pão. A piscina cheia de água azul da cor das paredes. As macieiras dobradas com o peso do fruto e muitas maçãs já com cores tão bonitas. As videiras com as uvas a pintar. Os tomateiros carregadinhos de vermelho. O meloal com os melões espreguiçados pelos vales. Os feijoeiros vergados sobre as empas que querem segurá-los. As pombas espalhadas pela eira e pelo recinto da merenda à procura do pão caído das nossas mãos. A gaiola bastante povoada com os canários sempre alegres e saltitantes. O antigo limoeiro, agora só já tronco velho, rodeado pela gaiola das rolas. Os passarinhos de ramo em ramo, a descer e a subir, à cata de alimento. Três gatinhos que se estão a familiarizar connosco e a libertar-nos a despena dos ratos destruidores.

TRIBUNA DE COIMBRA

A casa nova, que há-de ser mais uma oficina-escola, a subir pelo suor de muitos trabalhadores, hoje a levarem nas mãos e ao ombro as vigas que hão-de fazer o tecto de cobertura.

Um mundo de espanto nestes olhos ainda pequeninos e a crescer!

Foi um dia cheio! Não ligaram aos baloiços nem ao carrocel, pois encontraram muitas novidades. Um mundo para eles, que os há-de ajudar a descobrir a vida e a vivê-la. A Casa de família que é toda para eles.

Isto é a Casa do Gaiato — como Pai Américo sempre gostou de dizer.

Padre Horácio

O pão de cada dia

Quando Israel na esterilidade do deserto grita a Moisés a sua fome e sede e deixa que o seu coração se volte para trás, para «as panelas cheias de carne» e para «as cebolas» que tinha no Egipto, exprime quanto «este campo de morte» pesa à nossa alma e condiciona as suas aspirações do Alto, quanto a carência dos bens fundamentais para esta vida nos desmentaliza do justo preço da Libertação e nos despista dos caminhos da Vida.

Mas Deus é bom e bem sabe o que é indispensável ao Homem. Não havia libertado o Seu Povo da escravidão do Egipto para o deixar perecer no deserto. Tinha pão e água para lhe dar; e ia fazê-lo. Somente que o faria de acordo com uma pedagogia de austeridade, um método de pôr à prova a confiança de um Povo tão beneficiado pelos Seus dons não inconstante em reconhecê-los e fácil em ignorá-los.

E o maná surgiu uma primeira manhã. Tornaria todas as manhãs até aos primeiros frutos colhidos na Terra Prometida. Em cada dia a porção necessária a esse dia.

Eis uma resposta efectiva de Deus à reclamação razoável do Seu Povo; e também um gesto profético que, muitos anos depois, Cristo havia de confirmar para sempre ao ensinar o «Pai Nosso»: «O pão de cada dia nos dai hoje».

Eu não sei de outra forma para que, na Humanidade, haja todos os dias o quinhão de pão para cada um, senão esta: Que cada homem queira sinceramente e trabalhe proficuamente pelo pão de cada dia. E amanhã...? O Deus de hoje é o mesmo de sempre. Não Se esgota, não Se cansa nem esquece as necessidades razoáveis dos homens e não as negligencia. É Pai. É Eterno. É o Todo Poderoso. É a Infinita Bondade. — Providencia.

Em um número d'O GALATO de há trinta e dois anos, ao anunciar a edição de o Ovo de Colombo, escrevia Pai Américo: «Andamos todos tão cheios de fórmulas e teses que o «Pai Nosso» assombra e constitui a grande novidade!»

Trinta e dois anos são nada na vida da Humanidade. Tudo continua igual. Diria, até, que o «Pai Nosso» ainda nem é assombro nem novidade porque os homens continuam empenhados em fórmulas e teses sem dar conta do único remédio que tem em si o poder de curar as feridas escandalosas de desigualdades tão essenciais como são a indigestão de alguns e a fome de multidões.

Sociólogos, economistas, políticos procuram fórmulas atrás de fórmulas, enunciam teses após teses. Põem a sua expectativa ora em uma doutrina extrema, ora em outra de sinal

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma família que deu preocupações. Agora, porém, a vida serenou um pouco mais.

Todavia, os piores tempos deixaram marcas: na mãe, nos filhos — vítimas indefesas.

— *Estou com rumédios... Ando mal! O meu filho, também. Olhem p'ra ele...! Não tenho dinheiro prà botica!*

Suprimos a falta de crédito — pela mão dos nossos Leitores — e a pobre mãe foi à farmácia pelo seu pé, como outro cliente qualquer, mercar os remédios para cuidar da saúde.

«Quantas vezes não queima a gente todos os cartuchos na soleira das casas pobres — afirma Pai Américo — ao sentir a vida angustiada que eles levam dentro delas!»

A propósito: As gazetas do dia informam, não tardar mais um tombo no preço dos medicamentos; e a verdade é que a subida dos preços, neste sector, baixa ainda mais o poder de compra dos Pobres mais pobres — já sem meios para se tratarem!

● Ela é de localidade próxima. O caso transpôs a barreira da extrema pobreza. Como diz o povo, a mulher «parece um figuinho» — esquelética, mirrada!

Traz um atestado do SLAT, que expressa a doença da fome: tuberculose.

— *Vou ser internada no sanatório. Q'há-de ser dos meus filhos!?*...

Sim, dos filhos, que o marido foi com outra — abandonou os seus mais seus!

Nem toda a gente lhe mata a fome. O vulgar é cada um tratar do que é seu..., como se bastasse para alcançar o Céu.

● O povo chama-lhes *casas dos Pobres*. Aquela dos quer dizer *Património dos Pobres* — qual ovo de Colombo! — último reduto dos sem-casa, há mais de trinta anos.

Quando vaga uma, não faltam pretendentes. Até gente de fora — sem ninho em suas terras — vem perorar!

Os vicentinos procuram assistir os ocupantes; ponto assente — no pensamento e acção de Pai Américo — desde o início do Património dos Pobres.

Ora, as moradias estão sujeitas ao tempo, à naturalíssima — e compreensível... — incúria dum ou doutro beneficiário. Mas, o certo é que os anos desgastam portas, janelas, soalhos, tectos, paredes; e as casas precisam de estar habitáveis. Por isso, deita-se-lhes a mão, frequentemente. Melhoramos os aposentos, na medida do possível.

Agora, temos um grupo delas em reparação. Uma, para dar guarida a uma mãe solteira. Noutra, habitam dois velhos muito simpáticos, irmãos por afinidade; homens típicos, com mãos calejadas.

Neste lugar, onde se respira saúde!, há mais à espera de obras — e de limpeza no rosto. Cimentámos o chão duma cozinha, mas a frontaria da casa precisa duma valeta para barrar

e escoar a água da chuva que entra na soleira da porta.

Aqui, suspira-se d'alegria:

— *A cozinha, assim, é outra limpeza!*

A dona da casa mostra o louceiro, a maceira, a lareira...

— *Agora, é outra coisa! E quando a casa for pintada, caiada!?*

O Património dos Pobres — último reduto dos sem-casa há mais de trinta anos!

PARTILHA — Deixaram ofertas no Espelho da Moda (Porto): Assinante 3359, 500\$00; assinante 32859, idem; Maria, de Cesar (Oliveira de Azeméis), idem; e «uma portuense qualquer» — com a Amizade de sempre: «Junto a migalhinha relativa a Julho e a lembrar o dia 16, em que Pai Américo acabou a peregrinação para entrar na Vida Eterna». O Espelho da Moda é um lugar simbólico na vida de Pai Américo! Aquelas paredes guardam muito da sua alma...!

Assinante 12313, de Lisboa, 500\$00. Assinante 26471, de Algueirão, vale postal correspondente «à minha participação dos meses de Agosto e Setembro», especialmente para «uma senhora idosa e doente». Anónima, de Rio Tinto, um vale postal e duas preciosas remessas. Assinante 113, do Porto, 5.000\$00. Vultoso cheque da Assinante 20174, de Coimbra. Assinante 7505, de Naugatuck Conn (Estados Unidos da América):

«Envio um cheque para os Pobres da Conferência, os que mais necessitam, pois eles são tantos!

Sei o que é a necessidade! Na minha infância de tudo precisei — e não tive! Mas Deus nunca me faltou pelo resto da vida fora, incluindo agora, nos meus 75 anos.»

Que bela oração!

O casal assinante 23311, de Setúbal, passou por cá e lembrou os Pobres. Assinante 4217, de Parede, «pequena quantia para os mais necessitados da Conferência»: 4.000\$00. A remessa habitual de Vilares (Vila Franca das Naves). Assinante 30719, de Odivelas, «pequena oferta em memória de meu querido filho». A «Avó de Sintra» não falha!: «Junto 2.000\$00 destinados à família do costume». Assinante 27644, sua vizinha, de Cascais:

«Não vou tentar desculpar o meu

silêncio. Só quero dizer que me sinto em falta em relação aos nossos Irmãos pobres!

É certo que a dificuldade de redigir me vai servindo de desculpa para o atraso. Mas, como a redacção não interessa, hoje envio cheque e farão como entenderem.

Que Deus ajude a vencer a minha tibieza...»

O caso referido na edição de 6 de Julho continua a motivar alguns Leitores: Fernanda, de Leiria, 2.000\$00; e Alzira, de Monchique, metade «por alma dos meus entes queridos».

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Estão quase no fim as férias à beira-mar, porque o tempo vai arrefecendo. Muitos já as tiveram, mas outros não as podem ter... Há muitos que passam férias em casa só com um passeio, aqui ou acolá, às vezes até a lugares por onde tantas vezes passamos e nem bem reparamos, em dias mais quentes, em que estamos mais disponíveis.

Os nossos Rapazes regressaram todos da Praia de Mira, onde saboreámos merecidas férias à beira-mar. Estamos em nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, rodeados de montanhas esbeltas de verdura, um céu bem azul e, em baixo, o campo cheio de fruta e de milho, as oficinas, os baloiços — e os «Batatinhas».

AGRICULTURA — A nossa quinta tem sempre algo para nos ocupar, numa coisa ou noutra: batatas, milho, fruta, legumes e muito mais!

O nosso milho foi despontado, desfolhado. Esperamos que a espiga seque para ser colhida, descamisada, e termos grãos brilhantes como ouro. A fruta leva sumiço nas refeições. Eles são tantos e é tão pouca! Há muitos tomates para deliciosas saladas com cebola. O feijão, crescido e verde, tem-nos feito o gostinho à boca! As vinhas já nos estão a chamar. Há deles que não resistem... e



«A nossa quinta tem sempre algo para nos ocupar» — afirma o cronista de Miranda do Corvo. E, noutra local, o Padre Horácio diz que os «Batatinhas», após «sete semanas na praia, regressaram cheios de saudades deste mundo que é o seu», inclusivé das vacas que lhes dão o leite — malgas de leite!



Retalhos de vida

«Cascais»

O meu nome é Paulo Miguel Marques Ferro dos Santos. Eu vim com 6 anos para a Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal (Loures). A minha alcunha é o «Cascais».

Eu estou na Casa do Gaiato porque o meu pai morreu. Estou cá muito bem. Frequento a 3.ª classe da Escola Primária. Quando for grande, quero ser padeiro.

Paulo Miguel («Cascais»)

vão mesmo! Que bom vermos o milho a crescer! Que bom colhermos fruta e as maceiras e pereiras, os nossos pomares sempre tão belos e tentadores! Que bom beberrnos vinho e saborearmos uvas, sentados à sombra das videiras ou das oliveiras que nos dão o azeite para as batatas que cultivamos e comemos!

OBRAS — É nosso dever continuar a dar notícias da construção da nossa futura Oficina-Escola de Artes Gráficas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

As paredes do primeiro piso estão levantadas, com as lajes de betão, e o prédio vai avançando.

A nossa tipografia é uma tentativa a juntar a outras (profissionais ou escolares), para a promoção social dos nossos Rapazes, preparando-lhes o futuro. É por eles que erguemos as paredes da oficina, amassamos o betão para os tijolos, cortamos e dobramos o ferro; é por eles que suamos e continuamos a correr até ao fim — que só Deus sabe quando será!

Que eles saibam merecer tudo isto!

Chiquito-Zé

Praia de Mira

Acabaram as nossas férias à beira-mar!

Mas o Verão continua proporcionando a outras entidades, de Anadia e Covilhã, a ocupação da nossa casa para aproveitarem umas boas semanas na areia e água salgada.

A minha frente, através do vidro, vejo o Carlinhos, de 9 anos, a pentear o Ângelo, nosso há pouco tempo, que se juntou a seu irmão, de 6 anos.

Perguntei ao grupo, que regressou a Miranda do Corvo, se gostou das férias. Que sim e queriam mais!

A meu lado esquerdo, com a loiça na água e outra já arrumada, está o Valdemar, o «Casaco» que a limpa, e o «Peixeira». Hoje eles, amanhã serão outros. Mas não é por isso que não há férias... Também o Miguelito e o Miguel (brasileiro) arrumam a sala de jantar. Mas o resto do dia ainda dá para o que der e vier!

O João Rato, que substitui o Alcides como cozinheiro, limpa o fogão. Na mesa onde comemos, senta-se a meu lado. De vez em quando uma piada sobre a ementa. Hoje,

perguntei se também regressava a Miranda do Corvo. Que sim; mas «estava a ver que iria comer sem apetite» — Então um cozinheiro como tu!...

Hoje, distribuímos O GAIATO na praia. Não falha ninguém! O Diamantino olha e brinca. Também já vendi e, por isso, admiro-o. Eu era muito tímido, mas ele vive o seu trabalho!

— *Oh pá, vamos embora! Vamos ver o mar pela última vez. Anda!*... — dizia o «Pinóquio», acompanhado doutros, no último adeus. Alguns recusaram: — *Oh, prò ano! Deixa lá isso...*

Ele é o chefe dos mais pequeninos. Esteve cá desde o princípio das férias.

«Prò ano.» Que assim seja!

Guido

Paço de Sousa

OBRAS — As obras do parque desportivo estão praticamente no fim.

O balneário está pronto, pintado por fora e por dentro. Completamente funcional.

Estão a cair a casa 3. Tinha as paredes muito sujas, devido à humidade.

AGRICULTURA — Começou a colheita da batata.

Todos os dias saem dos nossos campos muitos sacos cheios!

A Junta Nacional das Frutas ofereceu-nos cerca de 40 toneladas de batata velha.

As ramadas também estão com bom aspecto, carregadinhas de uvas. Vamos ter muito vinho!

As árvores de fruto também estão carregadinhas!

FUTEBOL — Continuamos a receber convites de várias equipas de futebol que desejam defrontar o nosso Grupo.

No passado dia 3 de Agosto jogámos com o plantel da Cotel e ganhámos o desafio.

CASAMENTO — No dia 17 de Agosto foi o casamento do Maurício e da Maria José.

Desejamos felicidades ao novo casal — na sua vida futura.

Ludgero Paulo



DOCTRINA

● Os pequenitos espreitam de longe o mês de Agosto e contam pelos dedos da mão, com infinita ansiedade, os dias que ainda faltam. O chilrear de andorinhas em vésperas de emigração! Quando topam nas ruas de Coimbra os dirigentes da Colónia (de montanha, em S. Pedro de Alva — Penacova) lançam-se nos braços deles a indagar coisas, alegres e alvoroçados, como quem encontra um companheiro amigo com quem se fez viagem de encantos ou um mestre delicado de quem se ouviram lições proveitosas ou um médico sólcito que curou enfermidades perigosas; e tudo isto porque a Colónia dá pão!

● Ela não pede nada a ninguém e precisa... Lembra-te somente da obrigação que todos nós temos de pagar esta dívida social aos filhos de gente pobre, desprezíveis porque desprezados! E porque não tem sido paga em tempo devido é que agora os juros são de sangue!

● De Lisboa calou-se aquela voz que sempre falava alto nestes dias de festa; e em Coimbra também estancaram fontes seguras, onde tantas vezes enchíamos a vasilha! Tenho cismado muito, que talvez seja eu mesmo o causador da voz que se extinguiu e das fontes que secaram, por ter servido mal e fora de horas os Pobres que a Providência me confia. Porquanto é uma verdade colhida na experiência que quanto mais nos queimamos no cuidar da gente pobre, tanto mais recebemos para lhes distribuir.

● Não deixes nunca apagar de todo esta fogueira, nem te contentes somente com o soprar-lhe; atíça, de longe, as chamas com as tuas dádivas, que elas vão levantar chamas nas lareiras da Pobreza. Nem cuides que é muito o que se recebe todas as semanas, que muito mais é aquilo que se dá. Quantas vezes não queima a gente todos os cartuchos na soleira das casas pobres, ao sentir a vida angustiosa que eles levam dentro delas! «Eu só compro meio litro de leite para o meu homem e boto-lhe café para fazer mais.» Até de café fazem leite, os Pobres que não têm nada!

D. Amén. 5!

(Do Pão dos Pobres — 1.º vol.)

Novos Assinantes de O GAIATO

O nosso Padre Telmo pregou O GAIATO na igreja paroquial de Tabuaço. «Não foi no melhor dia, por acontecimentos d'ordem local». Mas, a verdade é que o povo de Tabuaço — tão amigo d'O GAIATO! — correspondeu inteiramente à chamada: inscreveram-se 128 novos Assinantes no «Famoso!» O que seria, se estivessem presentes todos os cristãos?

Ao longo do desfile da procissão tivemos que parar várias vezes para dar graças a Deus. Tantos peregrinos sobem às Alturas — d'alma e coração nas mãos!

Quereríamos dar a palavra à maior parte. Não pode ser! A procissão estende-se do Minho ao Algarve, pelo Mundo fora onde vivem corações portugueses. Para estes, além-fronteiras, O GAIATO é um significativo traço d'união com a Obra da Rua, com o País que somos.

Assinante 7326, da Cidade Invicta:

«Ontem, em conversa com um grupo de amigas, falou-se vivamente da Obra do Padre Américo, dos seus métodos educativos, da sua maneira de formar e recuperar Homens capazes de servir com dignidade e de se tornarem construtores do mundo. Caminhos tão novos e tão diferentes dos habitualmente percorridos pela maior parte das famílias que conhecemos!...

Daí surgiu o interesse em novos Assinantes d'O GAIATO que me despacho a mandar, tão grande foi a alegria que senti em poder prestar esta colaboração à Obra da Rua, dentro do espírito do Padre Américo.»

Em Ovar, a esposa do Assinante 19490 — como outras e outros sintonizados na mesma acção — espalha a semente d'O GAIATO e recolhe os frutos da sementeira que nos envia, regularmente, com a Amizade da primeira hora.

Praia da Aguda, mais um rico testemunho de Amizade:

«Conforme me propus, mando mais quatro assinaturas para O GAIATO até completar as 25, quantos os anos das minhas «bodas de prata» — se Deus quisesse que meu marido vivesse. Como está junto de Deus — pois era um homem bom e justo — por sua alma faço esta oferta, levando a 25 casais a Mensagem do «Famoso».

Gosto muito de ler o nosso GAIATO. Tenho pena que algumas pessoas não o considerem assim. Quando chega, dizem-me: — Chegou o seu GAIATO! Fico triste! Queria que dissessem nosso...»

Vem lá Coimbra — cidade-berço da Obra da Rua:

«Venho pedir o favor de me inscreverem na lista de Assinantes d'O GAIATO, que habitualmente procurava na igreja da minha paróquia.

A leitura d'O GAIATO entra fundo no coração e vem lembrar que não nos podemos fechar no nosso egoísmo, mas temos de nos abrir às necessidades dos Irmãos mais carenciados de tudo — de pão, de amor, de compreensão.

Conheci o Padre Américo e não posso esquecer o seu desprendimento, a sua missão de resolver os problemas dos Outros. Deus o glorifique na terra — como já o glorificou no Céu.»

Alto! Do Porto, mais uma Luz da luz — que não pode ficar debaixo do alqueire:

«Acabo de sair da prisão; e, de momento, apenas posso mandar esta pequena ajuda de cem escudos.

Agradeço me digam o preço da assinatura d'O GAIATO e fico aguardando o jornal.

O dinheiro que gastava no maldito álcool acabou para sempre — pois hoje já não sou alcoólico — e, como tal, posso todos os meses mandar um pequeno contributo para a Obra da Rua.»

Outra presença da capital do Nortel, pela mão da viúva do assinante 26918:

«Junto um cheque para um livro A PORTA ABERTA que mandaram em nome do meu falecido marido e, ainda, para três novas assinaturas...

As duas últimas foram sorteadas em duas turmas do Ciclo Preparatório... para comemorar a centésima aula. O «Senhor da Seara» permita que a semente lançada não se perca e que os seus frutos, com as novas sementes, se reproduzam indefinidamente, a alimentar as almas de tantos jovens com fome e sede de amor.»

É impossível abreviar mais o filme da procissão, na medida em que ela cresce ao longo do percurso!

Passa um grupo de vianenses. Mais um de Palhaça (Oliveira do Bairro). Outros arras-

tam, com entusiasmo, famílias, amigos e vizinhos. E aqueles que nem sempre «dançam as redes», afirmam, que, «de vez em quando, conseguimos alguns novos Assinantes para O GAIATO».

Por fim, que dizer dos que motivam seus hóspedes, como aquela Estrela, de Moncorvo, acolhedora terra do Nordeste transmontano?

«Lelo sempre O GAIATO. Gosto dele, admiro-o muito!

Há dias, estava aqui um senhor. Emprestei-lhe o jornal para dar uma vista de d'olhos. Gostou muito! Perguntei se desejaria ser Assinante. Respondeu que sim e deu-me 500\$00 para a assinatura...».

Subindo à colina — para melhor vermos o grosso da coluna — topamos uma multidão que desfila: do Porto, Lisboa, Cascais, Matosinhos, Tomar, Ermesinde, Faro, Santa Iria de Azóia, Sacavém, Sintra, Aveiro, Zambujal, Vila Nogueira de Azeitão, Bombarral, Santa Maria de Lamas, Eírol e Eixo (Aveiro), Rio Tinto, Castelo de Paiva, Mogadouro, Murça, Areosa (Viana do Castelo), Montijo, Lobelhe (Vila Nova de Cerveira), Cova da Piedade, Seixal, Almada, Alquerubim, Verdemilho (Aveiro), Alfândega da Fé, S. Mamede de Infesta, S. Pedro do Sul, Maia, Crestuma, Ribeirão (Famalicão), Leça da Palmeira, Loures, Candal (Gaia), Sobrado (Valongo), Almeirim, Cruz de Pau (Seixal), Setúbal, Castanheira de Pera, Póvoa de Varzim, Caneças (Odivelas), Alge-ruz, Cerro de S. Miguel (Silves), Portimão, Vilar do Paraíso, Vancouver (Canadá), S. Paulo (Brasil) e Ville d'Avray (França).

Júlio Mendes

Atenção

Quando o Leitor enviar importâncias destinadas à assinatura d'O GAIATO ou da Editorial, tenha a bondade de recortar e mandar-nos o seu endereço marcado no jornal ou na embalagem dos livros — nome, número de assinatura e domicílio — preciosos elementos para melhor localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Perdoem a insistência — que surte efeito.

Obrigado.

O PÃO DE CADA DIA

Cont. da 1.ª pág.

contrário, ora em doutrinas intermédias... Mas não encontram o ponto de equilíbrio social, antes se agudizam e alastram tais desigualdades.

Tese — é o «Pai Nosso». Fórmula — é a conversão dos homens à tese. O estado de equilíbrio universal será a resultante do equilíbrio achado por cada homem entre o instinto da posse e o uso dos bens, imediatos ou potenciais, que Deus pôs no mundo para todos.

Rezamos nós: «Venha a nós o Vosso Reino... Mas não é o Reino de Deus um «Reino de Justiça, de Amor e de Paz»? Onde a verdade desta invocação se faltar o desejo sincero, a decisão coerente, o esforço perseverante para realizarmos os valores que definem o Reino?!

«Seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra como no Céu... Mas tem Deus outra Vontade que não seja a fraternidade consumada pelos homens na Terra para que venham a reunir-se eternamente no Céu em torno do Pai comum?! Onde a verdade deste voto, se a vontade dos homens não coincidir com a de Deus? Ou bastarão

ao Homem veleidades para corresponder à Vontade de Deus?!

Para que o Reino de Deus venha e se instaure; para que a Sua Vontade seja feita — é necessário que os homens desejem para si o pão de cada dia, e só, a fim de que ele não falte a ninguém; é necessário que os homens se perdoem como carecem de ser perdoados; é necessário que Deus lhes dê a Graça para vencer a tentação e a Sua assistência os livre de todo o mal.

Jesus expôs-nos a tese. Aos homens compete dar-lhe forma.

Eis a grande novidade, uma autêntica novidade porquanto, dois mil anos depois, há experiências, sim, mas a vivência do «Pai Nosso» ainda não aconteceu à escala de todos os que se presumem e dizem discípulos de Cristo. Se acontecesse, então sim, seria o assombro perante a fórmula encontrada para fazer chegar a cada homem o pão de cada dia — condição, juntamente com o perdão mútuo, da Vontade consumada de Deus, na Terra como no Céu; fundamento estável do Seu Reino desde agora e para sempre.

Padre Carlos

«A maior parte dos católicos, quando lhes cheira a Pobres, tratam de fazer uma grande festa aonde não falta nada... para que tudo falte na casa do Pobre! Este é o cartaz. Não está no coração nem na inteligência dos festeiros. São os sentidos por onde se peca, agravados com o rótulo de um socorro mentiroso. A tómbola. O caldo verde. O arraial.» (Pai Américo)

É o tempo das romarias e das festas religiosas. De norte a sul de Portugal é uma multiplicidade delas. Faz-nos pena que a pretensão de coisas altas se gastem rios de dinheiro, visando, ao fim e ao cabo, objectivos que lhes são totalmente adversos. Verbas fabulosas, em música, fogo e comezainas são autenticamente delapidadas, para se obterem ridículos saldos para esta ou aquela necessidade ou tendo em vista empreendimentos de diversa índole.

Não pomos em causa, claro, a necessidade do Povo se divertir ou dos Emigrantes, após um ano de trabalho insano, confraternizarem com seus conterrâneos e familiares. O que se verbera são exageros e as falsas razões invocadas, enquanto carências atrozes continuam por satisfazer e a fome, quando não miséria autêntica, se mete pelos olhos dentro. A ostentação, o luxo e os desperdícios são uma afronta aos nossos Irmãos mais frágeis.

Pelas termas, praias e outras regiões de veraneio, entretanto comissões de «piedosas senhoras» ou de outros grupos levam a cabo «verbenas», «chá» e outros espectáculos, invocando as necessidades dos Pobres. Gastam-se quantias avultadas nos preparativos e para bem parecer, goza-se «à grande e à francesa», como sói dizer-se, come-se e bebe-se à farta, dá-se ao pé e, se for caso disso, vende-se a alma ao diabo. Tudo por amor dos «Pobrezinhos»...

Em nosso entender nem todos os meios se podem utilizar a propósito de fins objectivamente bons. Muito menos brincar com coisas sagradas. É que os Pobres deveriam merecer da nossa parte o máximo respeito e há-de haver adequada proporção entre os actos praticados e os alvos a atingir. Talvez, até, que, assumindo na vida pessoal e colectiva o sentido da justiça, nos dispensássemos de certo tipo de «caridadezinhas», que nada têm a ver com a Caridade.

Dar do supérfluo é obrigação do verdadeiro crente, quando não se exige mesmo, em casos extremos, repartir do necessário. Mas dar ou dividir nada tem com ostentações ou propagandas pessoais, antes exige discrição, apagamento e humildade, sem afrontas a quem precise. «A figura de Jesus não dá para caricaturas. Ou é Ele, ou não é nada. É por isso mesmo que o cristianismo desfigurado não vale. Não incendeia. Não faz irmãos. É um entretém.» (Pai Américo)

■ Se Deus nos der vida e saúde pensamos voltar aos templos da Capital e das terras habituais para falarmos do «Famoso» e procurarmos incu-

AQUI, LISBOA!

tir nos Amigos que se tornem assinantes. É que a leitura d'O GAIATO e a visita às nossas Casas são os meios mais eficazes para nos conhecermos melhor e, deste modo, mais nos compreendermos e amarmos. Todos juntos não seremos demais.

III

«Nem sempre significa posse o verbo ter. Quem tem fome não tem nada.» (Pai Américo)

É fácil teorizar. Situações há que só se compreendem se nos dispusermos a acompanhá-las de perto, tornando-as nossas, não de maneira epidérmica ou em função de objectivos pouco claros ou inconfessáveis, mas comungando-as.

Milhões de homens passam fome por esse Mundo, particularmente crianças e idosos. Certo que há continentes mais marcados. Se formos realistas, porém, concluiremos que tal flagelo, além de outros, também está presente na Europa, nomeadamente em Portugal. Não nos queremos só cingir aos aspectos quantitativos, mas também aos qualitativos, à fome dita fisiológica. Declarações de refastelados, com mesa farta e requintada, não destroem os factos nem os minimizam. Há gente com fome.

Dum modo geral, as crianças chegadas às nossas Casas vêm com sinais evidentes de subnutrição, por carências alimentares ou condições sanitárias deficientes. Sinais de raquitismo, ventres dilatados, bocas altamente deterioradas e outros sinais externos permitem-nos corroborar o afirmado.

Acontece com frequência, também, para cúmulo da infelicidade, que os nossos jovens são vítimas do alcoolismo dos dois progenitores, se não de um deles. O nosso Médico assistente muitas vezes o tem afirmado, referindo as correspondentes séquelas, de carácter irreversível, na sua maioria.

Olhando as crianças pedintes ou percorrendo os bairros degradados fácil é constatar situações como as acima descritas. Até em terras de Espanha, segundo informações fidedignas, que a nossa experiência o tem corroborado, também há crianças portuguesas esqueléticas, vítimas de exploradores desumanos, entregues à pedincha, como que exportadas nestes tempos de fronteiras abertas...

Não basta todavia ter alimentos abundantes. É preciso olhar à qualidade e à diversidade. Uma alimentação racional exige que não se ingiram quantidades exageradas de alimentos e de bebidas, em especial alcoólicas. Temos de acabar com a expressão corrente de «comi como um bruto» e ensinar as pessoas a comer e

a beber — mas para isso é preciso que haja o quê. De resto, uma característica dos esfomeados é encherem-se até não mais poder, sempre que apanham algumas coisas à sua frente, com as consequências correspondentes. Temos experiência disso.

Homens da Igreja que somos, queremos bem presentes as lições contidas na multiplicação dos pães e dos peixes. O Senhor, cheio de compaixão pelos famintos, só depois de os saciar da fome do corpo lhes falou do «Pão da Vida». «É o pão. O pão é a base de toda a justiça e de todo o amor. O Mestre começou a Sua vida de apostolado por dar pão e depois fez tais amigos, que de-

ram naquele tempo e dão hoje a vida por Ele.» (Pai Américo)

«Eu sou obrigado a oferecer a cada Rapaz os meios necessários de se tornar bem, de criatura abjecta que era! Mas sem um corpo são, ninguém espere por essa resposta.» Nas nossas Casas, com cerca de 600 Rapazes, continuamos esta preocupação de Pai Américo. Sim, porque «a fome é uma negação» e «quem tem fome não tem nada».

Dar de comer, ensinar a comer, eis um programa que não se compadece com actos isolados ou iniciativas espectaculars, talvez de contrapartidas promocionais ao fim e ao cabo altamente rendosas para os

seus intervenientes. Matar a fome é uma exigência elementar de Justiça, que exige continuidade na acção, porque necessidade de todos os dias. Ao Estado são de requerer as medidas adequadas e, por isso, nunca será demais pedir governantes competentes, zelosos e comprometidos, que, sem promessas demagógicas, se empenhem na resolução dos problemas. A cada um de nós há que solicitar uma solidariedade actuante e abraçar, sem calculismos ou segundos sentidos, todos os esfomeados, a começar, claro, pelos da nossa Terra. Sim, porque em Portugal também há fome!

Padre Luiz

Os nossos livros

● O LODO E AS ESTRELAS

Passa à nossa frente o responsável do ficheiro da Editorial com um braçado de livros destinados às requisições que chegam, diariamente.

Pelo movimento do correio d'hoje, a despachar pelo Sonenberg (mulato engraçado que supre o Benjamim, ora na praia de Azurara), concluímos que não aguentará a remessa — precisa de ajudante! Sabem porquê? Pronta a 3.ª edição d'O LODO E AS ESTRELAS (de Padre Telmo), os pedidos fervem de todos os quadrantes!

A primeira parte desta obra — diário do Padre Telmo (1954 a 1959) em estaleiros de barragens do Nordeste transmontano, num estilo muito pessoal que revela a veia poética do Autor — é dedicada particularmente «a todos os que trabalharam em túneis de minas ou barragens e hoje têm silicose».

Na segunda parte o Autor regista «uns fios de espuma tecidos em Angola» (Abril de 1960 a Dezembro de 1961), dedicados «ao Komboko, Muhongo e mãe Chimina; pelas lágrimas do Chico; a meus Irmãos contratados e Irmãos leprosos». As páginas retratam calvários de Pobres, cá e lá; as dores e gretas adocicadas com imagens da Mãe-Natureza e orvalho de sabor divino:

«Lagos azuis no céu! Bordados por flocos brancos de núvens para além da montanha, que, hoje, é toda prata!

Choveu ontem. As gretas

abertas em desenhos caprichosos, beberam, sôfregas.

A alma de Muhongo é uma greta sequiosa, pronta a beber o que se lhe der.»

● A PORTA ABERTA

Uma boa notícia! A 3.ª edição do 1.º volume ISTO É A CASA DO GAIATO (de Pai Américo) está pronta a entrar no prelo. Mais 5.000 exemplares! Assim, correspondemos ao interesse dos mais entusiastas, motivados pelos livros da nossa Editorial (A PORTA ABERTA da Dr.ª Maria Palmira Duarte continua em foco!), que ateiam fogo noutras almas — como este sacerdote da lezíria ribatejana:

«Peço que despachem, para cá, dois volumes d'A PORTA ABERTA e mais um terceiro para Maria...»

A minha alma «sofre violência» para fazer a possível divulgação deste tesouro impagável de Pedagogia que bem merece — e a nossa sociedade precisa

angustiosamente de o conhecer e aprender.»

Do mesmo modo o assinante 31271, em terras do Vale do Vouga:

«Venho pedir o envio de mais três exemplares d'A PORTA ABERTA. Junto mais «cinco quilos de amizade».

Bem hajam pela juventude que aí encontra carinho, amor e a preparação para o futuro — ainda mais importante.»

Para conhecimento dos novos Leitores, eis a colecção de livros que temos em stock:

Da autoria de Pai Américo — Pão dos Pobres (2.º, 3.º e 4.º volumes), Obra da Rua, Isto é a Casa do Galato (2.º volume), Barredo, Ovo de Colombo, Doutrina (1.º, 2.º e 3.º volumes). Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo (Dr. João Evangelista Loureiro); Calvário (Padre Baptista); A Porta Aberta (Dr.ª Maria Palmira Duarte); e O Lodo e as Estrelas (Padre Telmo).

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel